

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O JORNAL “O MATTO-GROSSO”: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A IMPRENSA E A POLÍTICA CUIABANA (1918-1930)

\* SOUSA, Sandra Miria Figueredo

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFMT

E-mail: [miriasousa@gmail.com](mailto:miriasousa@gmail.com)

### Resumo

Na presente comunicação de pesquisa, pretende-se apresentar o estudo desenvolvido com o jornal cuiabano “O Matto-Grosso”, periódico que circulou, entre 1879 a 1935, no estado homônimo. Diante da dilatada temporalidade em que o jornal circulou, impôs-se circunscrever a investigação ao período de 1918 – 1930. A opção se justifica porque no recorte residem questões e acontecimentos fundamentais para a compreensão da história e da política mato-grossense. Assim, trataremos de “O Matto-Grosso” e os agentes envolvidos em sua produção, enfocando, principalmente, sua atuação política por meio da imprensa.

**Palavras-chave:** O Matto-Grosso. Imprensa. História. Política. Cuiabana.

O presente estudo busca contemplar a pesquisa referente à tese de doutoramento em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Em estágio inicial, a tese tem como objeto de estudo o jornal “O Matto-Grosso”, periódico cuiabano que circulou entre 1879 a 1935. Nosso recorte, porém, está circunscrito a investigação do período de 1918 – 1930. A opção por tais marcos temporais se justifica por contemplar o ciclo que se principia com uma alteração fundamental na linha editorial do periódico no governo D. Aquino e finaliza com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, fato que acarretou profundas alterações na estrutura política partidária mato-grossense com repercussão na imprensa cuiabana.

Pelos múltiplos e distintos acontecimentos que congrega, o período correspondido entre 1918 e 1930 mereceu análises regulares dos historiadores, cientistas políticos, economistas e antropólogos. Destacam-se investigações sobre os ritos e as práticas políticas mato-grossenses (NOVIS, 1998; FANAIA, 2010), o visível descompasso de desenvolvimento econômico entre as regiões Sul e Norte (com a emergência do discurso divisionista sulista e a construção identitária nortista) (QUEIROZ, 2006; WEINGARTNER, 1995; GALLETI, 2011), as precárias vias de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

comunicação e transportes que dificultava a aproximação do Norte com os grandes centros urbanos tolhendo seu desenvolvimento econômico e social (BORGES, 2005) e o ocaso das tradicionais oligarquias estaduais (PORTELA, 2009; CÔRREA, 1980). Um elemento comum a quase totalidade dessas pesquisas foi o emprego intensivo ou complementar das fontes impressas, jornais, em sua consecução. Todavia, deve-se ressaltar que nenhuma dessas análises elevou o jornal “O Mato Grosso” à condição de objeto de pesquisa ou mesmo analisaram detalhadamente a atuação desse órgão na política mato-grossense.

Em Mato Grosso, no período em análise, o discurso arrebatador do progresso e da civilização colidia com uma realidade pouco alvissareira. Uma leitura acurada revela as crises derivadas da diminuição das exportações da borracha (CORRÊA FILHO, 1925; PÓVOAS, 1983), as disputas armadas entre as oligarquias estaduais e o forte desenvolvimento da região Sul matogrossense. O processo cíclico de crises econômicas não consistia em novidade para os dirigentes estaduais, que desde o término da exploração aurífera, se equilibrava precariamente na produção agroextrativista direcionada para o mercado externo. Seu centro político-administrativo residia em Cuiabá, norte do estado, centro decisório da política estadual. Foi nesse espaço que os personagens e agremiações partidárias agregaram suas forças econômicas, políticas, sociais e culturais.

Após a Guerra contra o Paraguai o processo de diferenciação entre as regiões Norte e Sul de Mato Grosso tornou-se visível com o desenvolvimento da cidade sulista de Corumbá, que após a livre-navegação do Prata, transformou-se no epicentro comercial estadual, graças a ampliação do fluxo das importações e exportações ocorridas em seu porto (CORRÊA, 1980). Essa cidade, com suas casas comerciais e firmas estrangeiras, atraiu capital e mão de obra significativos, propiciando o aparecimento de novas forças sociais e políticas que rivalizaram com as oligarquias nortistas. Entretanto, deve-se ressaltar que grande parte dessa força econômica se encontrava nas mãos das famílias nortistas (PÓVOAS, 1983). É inegável que esse desenvolvimento contrastava com a situação da capital, que não vivenciava esse processo com a mesma pungência de sua coirmã sulista. Cuiabá passou a receber, gradativamente, críticas e questionamentos sobre seu “direito” de ser capital de Mato Grosso. Coube à imprensa dissipar os medos que

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

assolavam a capital divulgando melhorias, ínfimas às vezes, que demonstravam a reação cuiabana ao que parecia ser uma fatalidade histórica.

No decorrer das primeiras décadas do século XX essa percepção foi agudizada pelo franco desenvolvimento sulista, capitaneado pela exploração dos ervais nativos pela companhia Mate Laranjeira (CORRÊA FILHO, 1925), que além de forte fonte de divisas para o estado, constituiu em um núcleo de atração para número significativo de migrantes, sulistas e paraguaios, que atraídos pela extensão de terras “vazias”, passaram a ocupar continuamente a região (BORGES, 1991; GALLETI, 2011).

Não menos importante nesse quadro foi a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, que inicialmente contemplava em seu percurso a capital, mas que paulatinamente deslocou seu eixo de execução privilegiando o Sul matogrossense (BORGES, 2005; CASTRO, 1992). As linhas férreas interligaram a região sul de Mato Grosso com o estado de São Paulo e as suas margens, antigos centros urbanos foram revitalizados, novos emergiram e ganharam espaço, dentre eles a cidade de Campo Grande (QUEIROZ, 2004).

Se Cuiabá, de acordo com as imagens registradas nos periódicos, estagnava-se no ócio e na violência, Campo Grande se desenvolvia alicerçada no trabalho e no desenvolvimento econômico, atraindo melhorias condizentes com uma cidade moderna. A cidade sulista estava associada ao presente e parecia destinada a um futuro promissor com a chegada das linhas férreas à região. A capital de Mato Grosso, por sua vez, ligava-se de forma incontestável ao passado e às experiências dos séculos XVIII e XIX. E, vislumbravam agoniados a elite cuiabana, sem perspectivas e sem promessas futuras. Cuiabá vivenciava a ameaça constante de ser suplantada por Campo Grande, perdendo assim seu “status” de capital do estado. A comparação entre as duas regiões de Mato Grosso, nos periódicos cuiabanos, fez emergir uma percepção angustiante sobre o futuro do Norte e o forte discurso divisionista na região Sul (WIENGARTNER, 1995).

As novas forças econômicas e sociais que emergiram deste processo cedo passaram a questionar a hegemonia política de setores dominantes sediados no norte do estado, não raro lançando mão de discursos e propostas divisionistas e sugerindo a mudança da capital para a região Sul (GALLETI, 2011, p.312).

Nesse contexto, os jornais cuiabanos constituem espaços privilegiados para acompanhar as respostas, propostas e projetos que a elite nortista gestou e desenvolveu

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

para responder a esse desafio. Premidos pelas dificuldades reais, pelas disputas políticas internas que frequentemente resultavam em conflitos armados, pela necessidade urgente de defender sua capital, esses indivíduos utilizaram os periódicos como espaços de disputa, de desejos, de anseios, de ressentimentos e de fazer político. Em suas folhas subjaz um universo de coisas não ditas, mas compartilhadas, que prefiguram um espaço de adesão e rechaço, de alianças políticas e familiares, de intercâmbio intergeracional na configuração de uma memória política, social e intelectual nortista e, especificamente, cuiabana.

Em Cuiabá, durante o período abordado, 1918 a 1930, a circulação de folhas e revistas mostrou-se profícua. De vários matizes, com circulação e periodicidade irregular, a “arte de fazer jornais” marcou o fazer da elite cuiabana. Inseridos em uma rede política, familiar, intelectual, esses órgãos além de delimitarem visivelmente um status social, fortaleceram relações de pertencimentos, de ressentimentos e de afetos.

No período analisado os periódicos cuiabanos não possuíram pejo em expressar sua vinculação política, exibindo visivelmente sua aproximação partidária, seja pela assunção como porta-voz de um partido, seja defendendo em suas páginas os programas e ideários das agremiações políticas que rivalizavam na arena política mato-grossense. Esta aproximação foi característica marcante da imprensa local. Todavia, apesar desta ligação ser forte e visível, as folhas cuiabanas expressam mais que isso. Elas proporcionam uma fresta, uma abertura, pela qual é possível compreender como a elite local se colocou diante dos problemas e adversidades vivenciadas pelos cuiabanos no período e quais imagens e símbolos emergem de suas falas.

Para compreender estas questões, o olhar se deteve no jornal “O Matto-Grosso” entre os anos de 1918 e 1930. Pretende-se através desta folha perceber os dilemas, sonhos e anseios que estes homens deixaram registrados nas páginas do decano mato-grossense nas três primeiras décadas do século XX, defendendo-o arduamente enquanto espaço de luta e representação (CHARTIER, 1990). Por fim, pretende-se através desse estudo demonstrar como a imprensa se configurou em áreas distantes do eixo Rio-São Paulo, propiciando assim uma análise preciosa sobre a relação da imprensa com a sociedade que a alimentava e lhe dotava de voz e representatividade.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## **Imprensa periférica ou imprensa local?**

A imprensa no Brasil, diferentemente de suas irmãs americanas, principiou-se tardiamente. Foi somente no século XIX com a chegada de Dom João VI ao país que essa aventura impressa oficialmente teve início. A dependência do poder político marcou sua trajetória duradouramente (SODRÉ, 1997; LUCA, 2005; BARBOSA, 2010; MOREL, 2006). Ao mesmo tempo em que difundia o maravilhoso mundo capitalista, espelhou o lugar que coube ao Brasil no mundo moderno. Em um país marcado pelas feridas seculares da escravidão, onde grande parte de sua população permanecia alijada da alfabetização e de hábitos sanitários, com uma economia agrícola baseada na monocultura, com escasso desenvolvimento industrial e urbano, precários meios de comunicação para interligar sua extensão continental, a imprensa brasileira se moldou às realidades locais ao mesmo tempo em que moldava a percepção de seus leitores.

Em um processo descontínuo e desigual, distintos tempos impressos se enunciaram, marcados pela especificidade de cada local. Houve os que refletiram a dinâmica da sociedade urbana que os produziu, imprimindo um ritmo veloz, colorido e fugaz aos seus impressos. Neste universo, a imprensa empresarial constituiu nichos editoriais, segmentando publicações, gostos e projeções. Marcada por uma gestão dinâmica, maquinários modernos e profissionais remunerados, a imprensa pautava os desejos, as utopias e as intervenções urbanas e sociais. Este foi o caso do Rio de Janeiro e de São Paulo nas primeiras décadas do século XX (GOMES, 1999; CAPELATO e PRADO, 1980). Em outros espaços, onde a modernização tecnológica não se apresentava tão nitidamente, a imprensa estava distante de se configurar enquanto empresa. Vivenciava-se outro ritmo impresso, marcado pelas defasagens técnicas, econômicas e de distribuição. Este foi o caso da imprensa produzida em Cuiabá, capital de Mato Grosso, nas três primeiras décadas do século XX.

No presente estudo, optou-se por utilizar a definição de imprensa artesanal ao se referir à imprensa cuiabana (SODRÉ, 1977). A opção se justifica porque acredita-se que estes periódicos refletiram a “arte de fazer jornais”, ainda não inseridos em seu aspecto massivo e empresarial que muitas de suas congêneres cariocas possuíam. Além de suas condições técnicas, coloca-se como imprescindível, o necessário mapeamento

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sobre quem dava voz e vida a estes periódicos. Neste universo as informações se mostram mais reduzidas. Sobre os nomes dos jornalistas que compunham o corpo do jornal, foi necessário garimpar em várias obras sobre cultura e intelectualidade cuiabanas. Nos próprios órgãos, estas informações se mostraram irrisórias. Raramente assinavam seus escritos, a maioria usou pseudônimos, outros nem isso fizeram. Este detalhe não parece remeter a uma autocensura e sim a certo padrão nos periódicos locais (SOUSA, 2019).

O caráter “sanguíneo” com que seus escritores defenderam uma ideia ou uma causa foi o que os dotou de tamanha riqueza, afastando seu fazer da profissão jornalística e seu produto como uma peça neutra e imparcial (BELTRÃO, 1980). Ao situar socialmente seus colaboradores, percebe-se que podem ser caracterizados como professores, advogados, militares, políticos, etc. Neste rico e eclético universo sociocultural, este fazer se prefigurou mais como espaço de literatura e de política do que como um campo profissional (BARBOSA, 2010). Este aspecto é respaldado por um dos mais profícuos colaboradores dos periódicos cuiabanos.

Até o momento que passa encontra-se vazio o quadro de nossos jornalistas profissionais. Falta o primeiro para começar a lista, e amanhã se comemora, entretanto, o centenário do aparecimento do “Themis Matto-grossense”. “Jornalista profissional”, na verdadeira acepção da palavra, não é simplesmente o possuidor de carteira expedida pelo Ministério do Trabalho; é rigorosamente o que tira da sua pena a manutenção de sua vida. *Quid inde?* A interrogação impera o silêncio (MENDONÇA, 1996, p. 160).<sup>1</sup>

Outro elemento relevante, neste contexto, foi o fato de que muitas vezes estes indivíduos pareceram falar de si e para si; estabelecendo com a outra parte um diálogo entre pares. Essa perspectiva revela que se os periódicos configuravam espaços de troca de opiniões, ideais e de confronto intelectual, descortinava-se também como um local para que verbalizassem suas angústias, indignações e reclamações, sabendo que elas alcançariam outras esferas, como a governamental.

Merece destaque o grande número de folhas em circulação nas ruas de Cuiabá no período.<sup>2</sup> De caráter local, muitos não possuíam uma circulação fixa, sendo de publicação mensal, quinzenal, semanais, bissemanais e raros os diários. Impressos em

---

<sup>1</sup> Esta reflexão foi escrita um ano após a primeira lei de regulamentação da profissão de jornalista em 30 de novembro de 1939, no Estado Novo. Sua redação coube a Getúlio Vargas que contou com a assessoria dos sindicatos de jornalistas de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Entre 1918 a 1930 podem ser encontrados 24 jornais em circulação em Cuiabá.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Cuiabá, a maioria em tipografias próprias, não restringiram sua divulgação à capital, viabilizando sua circulação através do estado e do país. Pelos periódicos podem ser identificados, o número de exemplares postos à venda, o valor das assinaturas, o valor de seu espaço publicitário e a constante “cobrança” para que seus assinantes quitassem suas dívidas. Todos exibem com orgulho o endereço de sua redação, na maioria das vezes atuando contígua à tipografia, porém bem pouco revelam sobre os pontos de vendas destas folhas na capital. Esta prática, comum na primeira década do século XX, foi desaparecendo até que não mais mereceu atenção e publicização.

Os anúncios publicitários localizavam-se nas últimas páginas dos jornais.<sup>3</sup> Porém, em alguns, observa-se sua inserção desde a primeira página, reservando as últimas para cartela fidelizada de anúncios. Ilustrações ou fotografias<sup>4</sup> não eram usadas frequentemente. Possuíam tamanho, número de páginas e diagramação similares,<sup>5</sup> revelando um padrão gráfico comum.

Constata-se que durante as três primeiras décadas do século XX circularam pelas ruas da capital hebdomadários, diários, bissemanais, quinzenais de vários matizes e distintas orientações políticas-partidárias. Foram liberais, conservadores, católicos, espíritas, livres-pensadores, literários, estudantis, femininos, infantis. O que os unificou por décadas foi o desejo de expressarem uma opinião e/ou defenderem uma causa. E que esta atingisse um número maior de leitores do que as tribunas e púlpitos, locais onde geralmente eram emitidas.

Como exposto anteriormente, numa análise inicial, destacou-se o amplo espaço destinados ao registro de fazer político e partidário mato-grossense. Visando melhor compreensão desse processo aproximou-se da abordagem proposta por René Rémond (RÉMOND, 2003) que ao relacionar a imprensa e a história política descortina um fértil universo de pesquisa, aprofundando essa análise buscou-se dialogar com Jean

---

<sup>3</sup> Mostram-se exceções os periódicos publicados por Agrícola Paes de Barros e “O Democrata” que reproduziram seus anúncios e propagandas nas folhas centrais (2 e 3), reservando sua última página para continuação das colunas principiadas na primeira página.

<sup>4</sup> O uso de fotografias como ilustração publicitária até o final da década de 1920 foi pouco utilizada nos jornais cuiabanos, agradável exceção é o registro de página inteira de um automóvel Ford T em 29 de junho de 1930 do jornal “O Matto-Grosso”.

<sup>5</sup> “O Democrata” órgão do Partido Democrata, que sucedeu o Partido Conservador, revelou posição dissonante ao dividir suas 4 páginas em 6 colunas. Esse periódico circulou entre os anos de 1927, 1928, 1929 e 1930.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

François Sirinelli (SIRINELLI, 2003), Pierre Ansart (ANSART, 2001), Maria Stela Bresciani (BRESCIANI, 2001) e Sege Bernstein (BERNSTEIN, 1996; 1998) buscando compreender os espaços dos afetos, dos ressentimentos, das redes e espaços de sociabilidades intelectuais, como contribuições instigantes para se refletir sobre a história, a imprensa e a política matogrossense. Portanto, essa investigação situa-se na fronteira entre a história da imprensa, história cultural e nova história política, tendo como fonte e objeto de pesquisa o jornal “O Matto-Grosso” em seu diálogo com outros órgãos impressos cuiabanos.

## **Considerações Gerais sobre o jornal “O Matto-Grosso” 1918-1930**

O ano de 1918 prenunciava auspicioso para os mato-grossenses, especialmente os cuiabanos, pois, principiava o governo de Conciliação de D. Aquino Correa, findando os nove meses de Intervenção Federal imposta ao estado após os conflitos oligárquicos de 1916, conhecido pelo nome de Caetanada. Este episódio, que mais uma vez rompeu o frágil equilíbrio de forças estadual, revelou a permanência do uso sistemático da violência (real ou simbólica) pelos políticos locais como forma de resolução dos seus conflitos partidários (FANAIA, 2011). Violência esta que não se restringiu às divergências políticas, se insinuando nas práticas sociais e na imprensa local.<sup>6</sup>

Em 1917, antes da posse de D. Aquino Correa, o jornal “O Matto-Grosso” se apresentou sob nova configuração. Pela primeira vez, durante sua longa trajetória, se colocou como porta-voz de uma agremiação partidária, o Partido Republicano Mato-Grossense (MORGADO, 2011; MENDONÇA, 1953; MENDONÇA, 1973; PÓVOAS,

---

<sup>6</sup> Merece atenção o primeiro caso de empastelamento de um jornal em Mato Grosso e que ocorreu em 1916. A “vítima” foi o periódico “Republicano”, órgão do Partido Republicano Conservador (PRC), fundado naquele ano e que circulou de forma irregular até 1926. Este “ato inaugural” de violência contra a imprensa passou a ocorrer de forma mais frequente conforme transcorria a década de 1920 revelando que, mesmo em época de “paz”, os jornais eram concebidos como adversários resultando em um crescendo de arbitrariedades físicas contra seus escritores e tipógrafos, até culminar com a prisão e suspensão da publicação. Durante a década de 1920 tem-se notícia do empastelamento do “Correio” em Aquidauana e da prisão dos redatores de “A Reação”, da autocensura de “O Matto-Grosso” e conforme se desenvolvia o governo Vargas observa-se a “intimação” de vários proprietários e/ou redatores de algumas folhas cuiabanos. Ou seja, percebe-se a institucionalização da repressão aos impressos que culminou com a supressão de vários órgãos.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1982).<sup>7</sup> Ao se colocar desta maneira, este órgão mais do que se posicionar politicamente, assumindo um lado na disputa política, se transformou em veículo oficial do governo de “Conciliação” que se principiava.

A transformação mais visível foi a alteração em sua circulação, deixando de ser semanal e passando a ser bissemanal,<sup>8</sup> divididas em quatro páginas de quatro colunas, sendo as duas últimas destinadas às propagandas, que cresceram exponencialmente com divulgação de editais e atos oficiais do governo estadual e da Intendência Municipal, ocupada no biênio 1914 a 1920 por Alexandre Addor, próspero comerciante cuiabano e um dos redatores do jornal.

Em suas páginas, muito bem diagramadas e impressas na tipografia Calhaó, observa-se a mesma verve inflamada que marcou algumas publicações da década anterior na capital, insinuando que a união partidária sublimava divergências ideológicas e/ou religiosas.<sup>9</sup>

Ao se abrir o jornal, abaixo do título do órgão que se destaca em letras negras centralizadas, se deparava com o nome do proprietário, dos diretores e redatores, informações sobre valores de assinatura, endereço da redação e telefone. A seguir e encimando suas colunas encontra-se a seção “Telegramas” que, alimentada via telégrafo, servia como espaço para divulgação dos acontecimentos da Capital Federal, pela ótica de seus conterrâneos que escreviam nas folhas cariocas. Destinava-se também a inflamar os ânimos contra os representantes do estado no Congresso Nacional, o senador Antônio de

---

<sup>7</sup> O jornal “O Matto-Grosso” foi fundado em 1879 com o nome de “A Província de Matto-Grosso” por Joaquim do Espírito Santo Calhaó tendo como projeto editorial a divulgação dos princípios liberais no estado. Com a mudança de regime em 1889 passou a se denominar “O Matto-Grosso”, epíteto que ostentaria até 1935 quando após o falecimento do Major Emiliano do Espírito Santo Calhaó e atendendo ao seu desejo, foi encerrada sua publicação. Nas raras ocasiões em que os grupos partidários mato-grossenses se alinharam – durante a Coligação (1909 a 1914) e no governo de Conciliação de Dom Aquino (1913 a 1922) – este órgão manteve-se fiel à sua agremiação, o Partido Republicano Mato-Grossense (PRGM). Um aspecto interessante em sua trajetória foi que, mesmo se situando em campo oposto ao Partido Conservador (PRC), não esteve alheio à veneração e à memória do líder conservador Generoso Ponce, ponto fulcral para a compreensão das disputas e realinhamentos políticos nas primeiras décadas do regime republicano. As análises do jornal aqui expostas resultam da pesquisa preliminar desenvolvida no Acervo Digitalizado da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

<sup>8</sup> “O Matto-Grosso” era publicado semanalmente aos domingos. Em 6 de outubro de 1918 passou a circular como órgão bissemanal (publicado às quintas-feiras e aos domingos). Esta circulação perdurou até 7 de novembro de 1920, quando retornou à sua periodicidade original como hebdomadário.

<sup>9</sup> Caso específico dos antigos livres-pensadores e redatores do extinto periódico anticlerical “A Reação” Isac Póvoas, Estevão de Mendonça, Philogônio Correa e seu irmão Ovídio de Paula Correa que dividiam as páginas de “O Matto-Grosso” com os católicos José da Costa Leite, Feliciano Galdino e outros próceres da Liga Social Católica de Mato Grosso.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Azeredo e o deputado federal Aníbal de Toledo do Partido Republicano Conservador (FANAIA, 2011; PORTELA, 2009).

Suas páginas, durante o governo D. Aquino, assumiram uma postura laudatória, áulica, demonstrando total alinhamento com o bispo. Sublimando as críticas, os distúrbios no Sul e a inflação que corroía os salários atrasados, “O Matto-Grosso” cedeu farto espaço em sua publicação para enaltecer o político conciliador, o intelectual que se encontrava governador. Enfim, percebe-se nestes artigos o que posteriormente se consagraria como a visão oficial sobre este governo.<sup>10</sup>

Todavia, no final de 1921, críticas sutis ao governo D. Aquino começaram a quebrar a forte blindagem dos anos anteriores, com divulgação de um artigo onde se registrava a perseguição política do religioso aos funcionários públicos livres-pensadores (“O Matto-Grosso”, 17 de outubro de 1920, p. 3). Paulatinamente estas críticas se tornaram mais frequentes, com reclamações sobre o custo de vida, o sonho mais uma vez abortado da construção de uma linha férrea que interligasse Norte e Sul mato-grossense e o forte descompasso entre Cuiabá e Campo Grande (“O Matto-Grosso”, 30 de outubro de 1921, p. 1). Ao que transparece, estava chegando ao fim a posição acrítica do periódico em relação ao governo estadual. Entretanto, o jornal permanecia contrapondo veementemente as posições depreciativas publicadas pelos periódicos sulistas sobre as frequentes viagens do governador cuiabano e sua falta de aptidão para a economia (“O Matto-Grosso”, 19 de julho de 1919, p. 1)

No momento em que interrompeu sua posição como porta-voz governamental, o tom do periódico sofreu alteração. Apartou-se das ações do executivo estadual e redirecionou suas atenções para assuntos como literatura, história e análises econômicas. Observa-se que seu eixo político se reorientou para as atuações dos legisladores conservadores na Capital Federal, especificamente Azeredo e Aníbal Toledo. A seção “Telegrama” foi diluída ao longo da edição e as poesias e crônicas de Cesário Prado (J. P. Terra) passaram a ser divulgadas na primeira página. Os textos e publicidades sobre profilaxia revelam que a memória da gripe espanhola continuava a perturbar a população, apesar de haver escassas informações neste jornal sobre sua proliferação em

---

<sup>10</sup> Este aspecto merece atenção quando confrontado com outros jornais em circulação na capital neste período como “Republicano” (1918;1919;1920) e “O Democrata”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mato Grosso no período em que esta pandemia assolou o país. E as publicidades do executivo estadual arrefeceram.

Se os anos de 1921 e 1922 foram marcados pela diminuição dos assuntos políticos em “O Matto-Grosso”, em 1928 este conteúdo esteve praticamente ausente, talvez pela publicação de outra folha<sup>11</sup> destinada exclusivamente a este assunto. Como as discussões políticas pareciam apartadas do jornal, emergiram colunas sobre literatura e divulgação dos escritores cuiabanos. Desfilam por suas páginas Cesário Prado, José de Mesquita e Estevão de Mendonça. O último recebendo uma coluna fixa “Postais”.

A atmosfera tornou-se mais tensa após a invasão de “A Reacção” e detenção de seu grupo de redatores. Pelas páginas de “O Matto-Grosso” ecoaram ameaças e protestos sobre a truculência e violência contra a imprensa e os membros da elite cuiabana (“O Matto-Grosso”, 17 de fevereiro de 1929, p. 2). A partir desse episódio o jornal recrudescceu às críticas, à gestão estadual e a pessoa do governador. Essa postura agressiva perdurou pelos meses seguintes, impregnando a edição de janeiro de 1929 onde se comemorava os 50 anos do jornal (“O Matto-Grosso”, 9 de janeiro de 1929, p. 1).

Nos primeiros meses de 1930, o jornal registra um telegrama divulgado na folha carioca “O Jornal” em que assegurava que “todo o Sul” se encontrava mobilizado para defender a transferência da capital de Cuiabá para Campo Grande. Entre os argumentos utilizados em defesa da mudança da capital destacam-se o fato da distância que Cuiabá se encontrava dos centros políticos e culturais, bem como o fato de ser “antiga”, “decadente” e “atrasada” (“O Matto-Grosso”, 25 de maio de 1930, p. 1).<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Ulysses Calhaó, filho do proprietário de “O Matto-Grosso”, fundou em 1928 um jornal denominado “A Reacção”, com o claro intuito de fazer oposição ao governo Mário Correa da Costa. Esse periódico, apesar de sua breve circulação (1928, 1929, 1930), teve sua história marcada por empastelamento e prisão de seus redatores. Estes episódios reverberaram na imprensa cuiabana a partir de “O Matto-Grosso” e passaram a representar o autoritarismo e a censura da gestão de Mario Correa. Este jornal foi o terceiro que circulou na capital com este nome, o primeiro foi o jornal publicado no Paraguai por Generoso Ponce com claro objetivo de desestabilizar e fragilizar o governo de Antônio Paes de Barros em 1902/3; o segundo foi o periódico anticlerical livre-pensador que circulou entre 1909 a 1914 e o último foi a folha produzida em oposição ao governo de Mário Correa da Costa.

<sup>12</sup> Este sentimento pode ser rastreado por décadas, da angústia inicial até o sentimento de impotência contra este fato consumado. Não se pode negligenciar os aspectos depreciativos enunciados pelos sulistas em relação aos nortistas, que muitas vezes resvala no racismo como explícita o trecho a seguir: “[...]uma raça degenerada, contaminada pelo amarelão, incapaz de qualquer progresso, ao passo que o Sul está sendo povoado por uma raça forte de aventureiros gaúchos que no futuro deverá dominar o Estado de Mato Grosso” (apud GALETTI, 2012, p. 266). A quase totalidade dos estudos sobre o processo divisionista mato-grossense registra como marco para estas análises o ano de 1932, período em que, durante o governo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para responder a essa ameaça, a mudança da capital, uma associação de mulheres nortistas respondeu com a criação do “Movimento Pró-Norte”. Este grupo, formado por senhoras da elite cuiabana, percorreu as redações dos jornais da capital divulgando seu Manifesto (“O Matto-Grosso”, 10 de agosto de 1930, p. 2.)<sup>13</sup> e solicitando que suas ideias fossem amplamente divulgadas. Com a forte adesão a suas propostas, a agremiação fundou a “Liga Pro-Norte” que ampliou sua função original, abraçando reivindicações que extrapolaram a defesa de Cuiabá como capital.

Todavia, na segunda metade deste ano, os acontecimentos nacionais adentraram a redação de “O Matto-Grosso” com uma força arrebatadora. Após o assassinato de João Pessoa, governador da Paraíba e ex-vice-presidente pela Aliança Liberal, a proliferação de fatos e vozes aceleraram a construção da narrativa sobre este episódio e seus desdobramentos posteriores (“O Matto-Grosso”, 03 de agosto de 1930, p. 1). O resultado eleitoral foi reproduzido no jornal para conhecimento público e a vitória do candidato paulista Júlio Prestes foi reconhecida pelo jornal (“O Matto-Grosso”, 09 de março de 1930, p. 1).

Passados dois meses, estampava em sua primeira página a notícia da “vitória da pátria” onde relatava extasiado a tomada do poder por Getúlio Vargas. Desde então, este acontecimento passou a ser retratado como “revolução regeneradora” que refundaria a República apodrecida pelos desmandos dos políticos “argentários” e corrompidos. A adesão do jornal ao movimento liderado por Getúlio Vargas foi incontestável.

Esperamos confiadamente a realização desse importante fenômeno político que há de modificar profundamente os destinos do Brasil com a transformação dos costumes, a evolução das ideias e das opiniões políticas, contra os interesses bastardos dos políticos profissionais, que infelicitavam a república e empobreciam a nação crivando-a de dívidas no estrangeiro (“O Matto-Grosso”, 2 de novembro de 1930, p. 1).

E a “revolução” contagiava as ruas e as redações, inspirando o desejo de varrer o velho e abrir as portas para o novo que se vislumbrava como irresistível vir a ser. Em júbilo se festejou o ocaso do senador Azeredo e do governador Aníbal de Toledo.

---

Leônidas de Matos e inspirados na Revolta Constitucionalista, representantes do Sul, tendo à frente Campo Grande, instaurou um governo paralelo naquela cidade.

<sup>13</sup> O jornal “O Matto-Grosso” registra cerimônia social promovida por senhoras do “escol social cuiabano” com o intuito de apresentar a “Liga Feminina Pró-Estrada de Ferro Norte de Mato Grosso” fundada para “o desenvolvimento do Norte-Mato-Grossense, a sobrevivência da capital e o maior progresso do Brasil”, tendo como “padrinho” o desembargador e escritor cuiabano José de Mesquita.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Aspiravam por uma liderança que organizasse e que desenvolvesse o estado e sua capital. Sabendo que o interventor Antonino Mena Barreto teria como vice o cuiabano Virgílio Correa Filho, fortaleceu a defesa do novo governo. E de uma hora para outra, pessoas, que até o dia anterior pouco sabiam da existência da Aliança Liberal, se tornaram aliancistas ferrenhas.

Entretanto, a euforia teve curta duração, ao menos para os redatores de “O Matto-Grosso”. Inicialmente, com a exoneração de Virgílio Correa sob acusação de ser celestinista. O regime recém-instalado começava a demonstrar que não haveria espaço para antigas lideranças estaduais. Passou-se da euforia à surpresa e desta para a desconfiança. A desconfiança ganhou força, quando na última edição de 1930, em um registro dilacerado pelo tempo, se encontra a declaração de um funcionário público, chefe dos Correios, que expressava sua decepção pelo que estava ocorrendo na capital (“O Matto-Grosso”, 28 de dezembro de 1930, p. 2).

Através do depoimento enviado ao jornal “O Matto-Grosso,” revela-se a pressão das autoridades para que os funcionários assinassem um documento expressando reconhecimento e lealdade ao novo governo. Os funcionários que questionassem, ou não assinassem, seriam punidos com exoneração (“O Matto-Grosso”, 28 de dezembro de 1930, p. 2). Pelo clima de arrebatamento expresso anteriormente pelo jornal, constata-se quão difícil deve ter sido a recusa de tal ato. E neste fragmento do passado advém a constatação que o azeredismo, tão odiado pelos redatores do jornal, estava em vias de extinção. Todavia, como náufragos se debatendo para se salvarem, junto com ele soçobrava o celestinismo tão arduamente defendido em suas páginas.

Com este registro o jornal “O Matto-Grosso” se despediu não somente do ano de 1930, mas de todo um sentimento sobre fazer política que aninhou a existência destes indivíduos nas décadas anteriores. Sua resignada revolta enuncia, timidamente, que a antiga correlação de forças havia se desfeito e que uma nova se instaurava. Uma nova conjuntura se vislumbrava para Cuiabá e para o estado. Novos líderes, novos desafios, novas coligações, novas tessituras a serem urdidas pelo jornal “O Matto-Grosso”.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Considerações Finais

Procurou-se nesse texto apresentar o periódico “O Matto-Grosso”, optando por circunscrever esta análise entre os anos de 1918 e 1930, ressaltando a relação que o semanário desenvolveu com a sociedade no qual se inseriu. Neste cenário destacou-se sua proximidade e divergências com as agremiações políticas mato-grossenses.

Procurando melhor apreender o rico espaço que se configurou, propôs-se aqui diminuir a escala de observação no intuito de analisar estas falas impressas como produto de negociações, de disputas, de tensões e como indícios de relações afetuosas e de pertencimento, sendo registradas por sujeitos específicos: os indivíduos que deixaram registradas suas opiniões nos periódicos cuiabanos.

Estes homens ocuparam as páginas dos diversos impressos que circularam na capital, ao mesmo tempo em que galgavam espaços políticos em funções militares, executivas, legislativas, no judiciário, como profissionais liberais (advogados, engenheiros, professores, comerciantes) e em funções religiosas. Eles planejaram e legitimaram projetos - presentes e futuros - de intervenções políticas, econômicas, culturais e sociais desenvolvidos pelos dirigentes políticos.

Destaca-se nestas páginas, a violência que permeou as relações políticas neste período e a transferência deste arsenal belicoso para as páginas impressas. Defronta-se com a violência real e simbólica que estes órgãos sofreram e a que se submeteram na relação ubíqua e tumultuada da imprensa com a política partidária.

Percebe-se a constituição de relações políticas baseadas na fidelidade, nos afetos, no pertencimento e nos ressentimentos que interpenetram em relacionamentos sociais, familiares e profissionais. Configurando-se novas adesões e rejeições. Em um universo em que inexistia o jornalista profissional, ser proprietário, redator e colaborador de uma folha consistia em um capital cultural que não deve ser menosprezado. Diante das diversas trilhas abertas após as leituras preliminares efetuadas com os jornais cuiabanos, alguns pontos se impõem para reflexão. Inicialmente, é pertinente investigar a política a partir das representações elaboradas e difundidas nos periódicos cuiabanos? E complementando essa análise, qual o espaço que o afeto, o ressentimento, a adesão ou o rechaço, desempenhou na constituição desses grupos?

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Referências Bibliográficas

- ANSART, Pierre. Em defesa de uma Ciência Social das paixões políticas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 33, p. 145-162, 2001.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2010.
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, J.P.; SIRINELLI, J.F. (Dir.). **Para uma História cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. **Esperando o trem sonhos e esperança de Cuiabá**. São Paulo: Scortecci, 2005.
- BRESCIANI, Maria Stella e Márcia Naxara (org.). **Memória E (res) Sentimento- Indagações Sobre Uma Questão Sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena R. e Maria Ligia Prado. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980
- CASTRO, Maria Inês Malta. **O preço do progresso: a construção da Estrada de ferro Noroeste do Brasil**. Dissertação de Mestrado. IFCH-Unicamp, Cuiabá, 1992.
- CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- CIMÓ Queiroz, Paulo Roberto. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 10, núm. 2, 2006.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. **Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)**. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, São Paulo, 1980.
- CORRÊA, Valmir Batista. **Coronéis e Bandidos em Mato Grosso (1890-1940)**. 2.ed., Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.
- FANAIA, J. E. de A. **Elites e Práticas Políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

- GALETTI, L. de S. G. **Sertão, Fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá: EDUFMT; Entrelinhas, 2012.
- GOMES, Ângela de Castro. **Essa Gente do Rio... Modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- LUCA, T. R. de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B (Org).. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MENDONÇA, E. Retalhos da vida. **Revista IHGMT**, Publicações Avulsas, n.18, 1999.
- MENDONÇA, R. de. **Dicionário Biográfico Mato-Grossense**. Cuiabá: Gráfica Mercúrio S. A., 1953.
- MORGADO, E. M. de O. (Org.). **Catálogo de jornais, revistas e boletins de Mato Grosso 1847-1985**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.
- NEVES, M. M. N. **Elites Políticas: competição e dinâmica Partidário-Eleitoral (caso em Mato Grosso)**. Rio de Janeiro/São Paulo: IUPERJ; Editora Vértice, 1998.
- PORTELA, L. V. de S. **Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso (1889-1930)**. Dissertação (Mestrado em História). ICHS- UFMT, Cuiabá, 2009.
- PÓVOAS, Lenine. **O ciclo do açúcar e a política em Mato Grosso**. IHGMT. São Paulo: Resenha Tributária, 1983.
- RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, P. 231-269.
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.
- SOUSA, Sandra M. F. **Entre tipos, tintas e prensas a história se fez impressa. Considerações sobre o periódico livre-pensador “A Reacção”. (1909-1914)**. Dissertação (Mestrado em História). IGHD - UFMT, 2019.
- WEINGARTNER, Alisolete A. S. **Movimento divisionista em Mato Grosso do Sul**. Porto Alegre: Edições EST, 1995.